

Memória e escrita: reflexões sobre transmissão

Memory and writing: reflections regarding transmission

Betty Bernardo FUKS*

UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA (UVA/BRASIL)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo articular o conceito de memória na obra freudiana à escrita e à transmissão da psicanálise. Partindo do gesto freudiano de invalidar qualquer ruptura entre psicanálise individual e coletiva, o texto perscruta as três modalidades de transmissão circunscritas nas *Obras Completas de Sigmund Freud* e o modelo proposto por Lacan da reinvenção da psicanálise por analista.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Escrita. Letra. Transmissão.

ABSTRACT

This article aims to articulate Freudian's memory concept to writing and to the transmission of psychoanalysis. Parting from Freudian's gesture of invalidating any rupture between individual and collective psychoanalysis, the author analyzes the three modalities of transmission registered in The

*Sobre a autora ver página 145.

Complete Works of Sigmund Freud and Lacan's proposition of a model of the reinvention of psychoanalysis by each analyst.

KEYWORDS: *Memory. Writing. Letter. Transmission.*

Ao final da redação da construção do mito de Totem e Tabu – a estranha e bizarra narrativa freudiana que fala, ainda e sempre, da origem do sujeito e da linguagem –, Freud se propõe a refletir sobre o enigma da transmissão da cultura. O mito passa a dar forma consciente ao que não se transmite pela memória. Faz pensar o impensável – o terror que toca o infigurável; fixa a passagem do homem pré-histórico, do estado de angústia real (*Realangst*) e de desamparo exterior, à angústia interiorizada – expressão do temor de reviver o terror; representa a *Coisa* – o que excede o desejo e do que, no entanto, o desejo procede; metaforiza o recalque primário e, finalmente, sustenta a figura do originário familiar à neurose que comporta e difunde a memória e o esquecimento que a motiva. Quais são os meios, os modos pelos quais, se indaga Freud, uma herança arcaica, os traços de memória arrastados pelo fluxo caudaloso do tempo e perdidos entre as ruínas dos séculos, é transmitida de uma geração a outra? (FREUD, [1913] 1976, p. 187) Questão percuciente. Para responder, Freud deixa de lado a observação da comunicação direta e apela para o saber do poeta: “Aquilo que herdastes de teus pais conquista-o para fazê-lo seu”. O verbo conquistar, usado por Goethe, é interpretado ao pé da letra: despertado por um acontecimento atual, o legado da geração antecedente sofre um processo de reatualização, isto é, é escrito e ressignificado pela geração procedente. Eis que, sob a autoridade da literatura, a psicanálise se afasta das normas da consciência, fazendo incidir sobre a transmissão – o hereditário – um imprevisível princípio de transmissibilidade outro que não o da natureza: o princípio de *operação recorrente*. Trata-se de uma operação de retorno a um ponto de origem, que, paradoxalmente, dará origem a uma outra montagem da narrativa oral, a história que sustenta e leva a transmissão a termo.

Do ponto de vista metapsicológico, a inspiração no dito poético permitiu a Freud articular, de forma decisiva, o conceito de transmissão ao conceito de recalque primário (*Urverdrängung*) e à atividade mental inconsciente que “permite ao sujeito interpretar a reação dos outros, vale dizer, endereçar as desfigurações que o outro lhe transmite na expressão de suas próprias moções afetivas” (FREUD, [1913] 1976, p. 188): a transferência.

Motor, obstáculo e condição de uma análise, a *Übertragung* (transferência), do verbo *übertragen* (transferir), tem a conotação na língua alemã de “trânsito reversível e maleável por um ‘arco’ que interliga o ponto de origem e o ponto de destino”. O autor do *Dicionário comentado do alemão de Freud* (HANNES, 1996, p. 415) realça no verbo *übertragen* a ideia de “transportar para”, não no sentido de uma direção única, mas num movimento reversível entre o passado e o presente que é conjugado no mesmo espaço. Transferência é transmissão; testemunho de uma constelação psíquica particular que Freud caracteriza como um movimento recorrente de “ir e vir”, de “buscar de novo”, que tem origem, percurso e destino, isto é, memória ou passado, processo ou presente e transmissão ou futuro. Embora ocorra por caminhos preestabelecidos – o clichê da vida amorosa –, isso não significa, contudo, que ela seja um fenômeno de pura repetição automática dos significantes (*Automaton*); induz, também, às novas vias de realização do outro (*Tiquê*) na ação paradoxal do repetir endereçado ao real.

Porque a experiência subjetiva implica, necessariamente, a referência do sujeito ao outro e à linguagem, as leis que regem a transmissão da cultura são as mesmas que comandam o funcionamento do aparelho psíquico. Esquematizado na conhecida *Carta 52*, este aparelho é apresentado como um processo de estratificação de traços mnemônicos, que, sob a ação de impactos posteriores aos períodos em que foram marcados, estão sujeitos a rearranjos, retranscrições. Marcas, traços, inscrições são sempre letras e, portanto, de escritos conforme Derrida. Em *Freud e a cena da Escritura* ([1967] 2004), os aparelhos e máquinas freudianos são as referências privilegiadas desse autor para

responder às questões que levanta sobre a forma como o não simbólico desemboca no simbólico. O inconsciente freudiano, para o filósofo, é como uma escritura que se tece de diferenças, de trilhamentos e envia, delega representantes e mandatários que são compreendidos apenas *a posteriori*. A escrita é a possibilidade de instituir, e Freud, segundo Derrida, escolhe representar o conteúdo psíquico por um texto de essência irredutivelmente gráfica: a escritura do aparelho psíquico é como uma máquina de escrever, o que dele se lê é uma arqui-escritura, a *inscrição marcada-diferença*. Em resumo, para Derrida, que se alinha ao Freud preocupado com enraizamento do não simbólico, a repetição do traço como letra está desde o início, mas não é nunca repetição do mesmo. Na origem, apenas ausência, o vazio. Voltaremos à questão da escrita mais adiante. Por ora, vale assinalar que esta ênfase de Derrida na metáfora da escritura ilumina, com cores fortes, a temporalidade em causa na transmissão do inconsciente: a saber, que o trabalho de reescritura e rearranjo das marcas psíquicas não se presta à mera repetição do mesmo: a rigor é uma tarefa de transformação do presente, um processo de devir outro.

Além destas três modalidades de transmissão recorrentes que se encontram explícitas no texto de Freud – a da herança arcaica, a da constituição da subjetividade e a do agir da transferência –, Lacan, preocupado com os impasses da transmissão, com a forma como cada analista transpõe os enunciados freudianos à sua prática, marcada por mudanças sociais e políticas distantes da experiência germinal do método analítico, propõe, como modelo de transmissão recorrente, a “reinvenção da psicanálise por cada analista” (LACAN, [1957] 1979, p. 220). Reinventar, na medida em que o inconsciente é transindividual, sujeito aos efeitos das mudanças sociais e políticas através dos tempos, ao mesmo tempo em que abriga o atemporal. Reinventar, porque se trata de uma disciplina que não é redutível a um simples conhecimento cognitivo e repetitivo. Nada parece mais lacaniano do que a ideia de reinventar a psicanálise. Entretanto, antes de Lacan, o próprio Freud já enfatizara que o “o analista deve cuidar de prender-se à sua própria experiência, sempre inacabada, pronta a deslocar as ênfases de suas teorias ou a

modificá-las” (FREUD, [1922] 1976, p. 249). Preocupação legítima de conjugar experiência clínica e teoria, criando condições para transmitir a psicanálise, de acordo com as leis de buscar no outro a verdade, sempre nômade. Freud faz o que diz: renova e reescreve a metapsicologia do *Projeto à Análise terminável e interminável*, absolutamente fiel aos próprios conceitos que alicerçam a teoria. Neste renovar, em que o êxodo e a errância das letras na própria escritura da teoria desempenham papel essencial, o que Freud encontra – e dela não se desvia – é a própria questão da transmissão da clínica e da teoria psicanalítica.

Longos anos haviam se passado quando, sob o impacto da vertiginosa e chocante ascensão do nazismo na Europa, Freud retorna à escritura do mito do assassinato do pai e, munido da reorganização conceitual do sistema pulsional com a qual inaugura a segunda tópica, volta à questão sobre a transmissão da herança arcaica em *Moisés e o monoteísmo*. Perscrutemos o momento histórico: uma súbita, inesperada e incompreensível ameaça de morte assombrava Viena. Tempo de emergência da angústia e do desamparo, efeitos dessa experiência que foge ao campo do simbólico, rebelde ao funcionamento das representações sempre apreendidas com pavor e terror: o trauma. Uma ferida, assim o chamavam os gregos, que não se deixa curar facilmente pelas palavras. Um susto (*Schreck*) que pega o sujeito de supetão. Um choque tão profundo que perfura a camada de proteção aos estímulos, que ultrapassa a capacidade do sujeito em dominá-los e determina, em termos freudianos, sua repetição infundável.

Peço, então, socorro ao texto de Cathy Caruth, “Modalidades do despertar traumático”. Inspirada na releitura lacaniana do sonho comovente que abre o capítulo VII da *Interpretação dos sonhos* – o do pai que, na noite seguinte à morte do filho, sonha que a criança está viva, reclamando pelo fato de ele, pai, não acordar para a realidade externa de uma vela que o incendiava –, a autora sugere que a transmissão da teoria psicanalítica obriga o analista a passar pelo encontro, sempre traumático, com o real. Caruth estabelece uma homologia entre o enunciado do sonho “Pai, não está vendo que estou queimando? que, em sua leitura,

toma o sentido de um imperativo – “pai, acorde, me deixe, sobreviva; sobreviva para contar a história do meu queimar” (CARUTH apud NESTROVSKI; SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 128), e o imperativo freudiano de despertar para o real contido na transmissibilidade da teoria psicanalítica. Vejamos: diz Caruth, citando Lacan, que, na linguagem da teoria do trauma apresentada em *Mais além do Princípio do Prazer*, o que é transmitido é “o incêndio da enfática pergunta freudiana, “O que é o primeiro encontro, o real, que, subjaz à fantasia?” (p. 123). No sonho da criança queimando, é o fogo da vela que desperta o pai e, nesse acordar, o pobre homem repete o trauma (a recepção da criança morta) como performace“, pois não se trata de repetição do mesmo, mas um novo ato que repete uma partida e uma diferença” (p. 129). No acordar, o sonhador deixa de ser o pai de uma criança viva para se instituir como o pai que pode dizer o que é a morte de uma criança. Assim é o desempenho de um narrar que carrega consigo e transmite o trauma como história. Em última essência, o despertar do pai é um dizer *a-deus*, uma saudação que significa acolher a criança em sua alteridade¹. O caminho da transmissão da teoria psicanalítica, marcado pela intensidade ígnea da febre de Freud que se alastrou a partir de sua concepção tardia sobre o trauma e a compulsão à repetição, se traduz como “imperativo que se coloca entre a repetição traumática e o fardo ético da sobrevivência” (p. 131). Ou seja, o que se transmite na psicanálise não é apenas o que pode ser compreendido na repetição automática dos significantes freudianos, mas, antes, a transmissão de um despertar para a alteridade irreduzível da escritura freudiana.

Voltemos ao trágico momento político que moveu Freud, em sua sensibilidade aos acontecimentos, a retornar ao mito do assassinato do Pai. Começo por um pequeno episódio da história da psicanálise contado por Roudinesco. Em conversa com Marie Bonaparte, Freud, diante da

¹ Faço uso aqui do pensamento ético de Lévinas, sobre o adeus frente à morte. A palavra Adieu, em sua obra, revela pelo menos três sentidos: 1) saudação no encontro (Olá eu te vejo); 2) saudação de separação ou de morte; 3) o *a-deus*, a saudação do para Deus, o diante de Deus para além do ser, antes de tudo e em toda relação com o outro, em todo outro adeus. Neste sentido, para este filósofo, toda a relação com o outro seria antes e depois de tudo um *a-Deus*. Em seu discurso de Adeus a Lévinas, J. Derrida diz que, para além ou para-aquém da existência de Deus, fora de sua provável improbabilidade até no ateísmo mais vigilante e mais desesperado, o dizer *a-deus* significa acolher o outro em sua alteridade (DERRIDA, [1967] 2004, p. 124).

tentativa da princesa em convencê-lo de que o antissemitismo era um mal obscurantista e inofensivo da Idade das Trevas, respondeu de modo sucinto: “Espere só, veremos, sem dúvida um terrível retorno ofensivo” (ROUDINESCO, 1989, p. 419). Uma descrição profética embasada na convicção de que a terceira fonte de sofrimento humano – a facticidade das normas reguladoras das relações entre os homens – é ação de uma parcela da natureza indomável que sempre excede os diques que sustentam a civilização. A memória afetiva da Inquisição, o esquecido inesquecível, é a certeza impregnada da angústia que sinaliza e evita o perigo de uma repetição traumática.

Neste contexto, *heimlich-unheimlich*, estranho-familiar, Freud recorre à escrita, “o substituto do corpo materno, a primeiríssima vivenda”, conforme ele próprio a definiu em *Mal estar na Cultura*, quando começava a refletir sobre as perdas que a civilização sofreria diante do desenvolvimento do “deus de prótese”. A escrita, diz o filósofo Lyothard, leitor de Freud, repara uma perda, um mal feito “à alma dada a sua imaturidade e que a deixa criança”. Toda a escrita é nutrida pela coisa no “interior excluída, banhada pela sua miséria representacional, mas que se adianta a representá-la em palavras em cores” (LYOTHARD, 2005, p. 61). A escrita seria assim a eterna tarefa de re-enganchar a perda real no simbólico: mesmo em certos recantos da África, ainda sem escrita, a morte de um homem idoso é “uma biblioteca que pega fogo”, pois os rastros de sua sabedoria são, nesse caso, escritos num suporte que é a carne do sujeito propriamente dita”, lembra Machado (1998, p. 97).

Não poderia deixar de lembrar neste momento, sob pena de me perder sobre o meu próprio raciocínio, um episódio traumático e extremamente importante: alguns meses depois de viver a experiência de ter tido seus livros, junto com os de outros, lançados às fogueiras de Berlin, um evento precedente do queimar do Holocausto, no qual quatro de suas irmãs morreram, Freud transforma as cinzas de seus escritos em letras. Com elas inicia a escrita de *O homem Moisés, um romance histórico*, título provisório de *Moisés e o monoteísmo*. Uma ressonância do queimar do sonho em que o acordar de um pai não foi um mero acidente, mas o

encargo maior de narrar um sofrimento inenarrável. A escrita de Moisés envolve a responsabilidade de narrar a saga do outro excluído, à luz do mal-estar na cultura, e a de ampliar e transmitir os conceitos teóricos da psicanálise num mundo, então, literalmente virado de cabeça para baixo. Portanto uma aposta na aplicação da psicanálise sob a rubrica da fé que mantinha na linguagem; como se continuar a transmitir sua própria febre, “O que é o real que subjaz à fantasia?”, desenhasse aquilo que é tão forte como a morte: a vida. Entre a fogueira dos livros e o futuro desconhecido da invenção da chaminé do campo de extermínio, a escrita freudiana se propaga como o fogo, alastrando significados indefinidamente para além daquele que originalmente proferiu. É hora, então, de perguntar o porquê do uso, ainda que provisório do significante “romance-histórico” em *Moisés*, este grande e derradeiro estudo sobre o trauma, estendido à humanidade, e a transmissão, escrito num tempo em que a barbárie nazista começava a alastrar a morte pelos quatro campos da Europa.

Meu romance, disse Freud a Zweig quando começou a escrita do texto. Uma afirmativa que, de imediato, lembra o estilo que imprimiu nos *Estudos sobre a histeria*. Os leitores familiarizados com esse texto conhecem a passagem em que o autor confessa a surpresa de verificar que as histórias clínicas que tinha escrito eram lidas como se fossem breves romances, desprovidos de qualquer marca de cientificidade (FREUD, [1895] 1976, p. 174). Um estilo que permite lançar a hipótese de que o emprego do significante “romance” em *Moisés* tinha um fim estratégico: reafirmar a presença e a dimensão ética da atividade narrativa no seio do processo analítico. Dando continuidade a uma tradição antiga como o mundo, quatro décadas antes da escrita de *Moisés*, Freud ousou contradizer a ciência positivista, afirmando que o método analítico, uma construção moderna, não poderia abandonar a narração como prática de cura, sob pena de trair o sujeito da dor. “Que eu fale e encontre alívio” (*Livro de Jó*). Freud foi capaz de, genialmente, introduzir uma diferença na relação entre aquele que fala e aquele que escuta: ao analista cabe, a partir do dispositivo da escuta flutuante, reenviar o sujeito da associação livre ao eco de sua própria voz.

Segue-se que a psicanálise e a literatura são campos constituídos na tensão discursiva entre o que é da ordem do intemporal – a vida, a morte, as paixões avassaladoras, os afetos demoníacos – e o que é da ordem da História. Se o romance, a forma histórica da literatura do século XIX tomou a seu encargo narrar, ficcionar os destinos da repressão imposta aos afetos na civilização ocidental; a prática psicanalítica, no alvorecer do Século XX, franqueou o regresso das paixões à cena social. Testemunhar a experiência de perscrutar os labirintos da pulsão sexual sob o jugo de uma forte repressão social imprimiu o estilo do romance na transmissão escrita da psicanálise. A psicanálise se torna próxima da literatura, uma disciplina cuja especialidade, a paixão, havia sido excluída do universo da ciência no início do século XX, ao recuperar o estudo dos afetos (CERTEAU, 1995, p. 109). Além disso, uma estranha vocação de viver no “entre-deux” orientou Freud a estreitar os laços entre as duas disciplinas e a tomar o partido dos poetas e escritores. Uma paixão pela letra? Certa vez, numa entrevista, depois de reconhecer que seus livros se assemelhavam mais a obras de imaginação do que a tratados de patologia, ele declarou sem nenhum pudor cientificista: “Pude cumprir meu destino por uma via indireta e realizar meu sonho: permanecer um homem de letras, sob a aparência de um médico. Na psicanálise encontram-se reunidas, ainda que em jargão científico, as escolas de Heine, Zola e Mallarmé sob o patrocínio de Goethe” (FREUD apud GOES, 1999, p. 4).

Sob o império do intemporal – o afeto – e a pressão das determinações históricas – a modernidade – Freud, trocando os jargões científicos pelo gênero literário, designa de ficção teórica o aparelho psíquico descrito em *A Interpretação dos Sonhos* e concede à Feiticeira (a metapsicologia) o estatuto de ficção. Entre sonhos e “feitiços”, o inventor do discurso analítico (um dispositivo de fala) acabou tornando-se um escritor: sua escrita transmite, exatamente, aquilo que do saber da experiência *psicanalítica* toca o real que subjaz à fantasia (RABINOVITCH, 1988, p. 15). Há, portanto, uma isomorfia entre a escritura teórica da psicanálise e a escritura psíquica. Entre o acontecimento clínico ou cultural que fura o enquadre simbólico da psicanálise e o imperativo de

escutar a pulsão e as transformações do mal-estar na civilização, o analista tem, como base de reflexão e transmissão da teoria, uma escritura que se dá a ler de modo infinito e que o submete, no nível mais radical, à extração de novos sentidos.

Um romance-histórico. Freud aproxima o eixo de sua disciplina – o retorno do recalcado, a memória do passado que regressa à cena do presente como fantasma – à literatura e à história, disciplinas enraizadas no lembrar e igualmente atravessadas pelo refluxo do esquecimento (GAGMEBIN, 2004, p. 3). Se o significante romance remete o texto de 1939 ao real que se apresenta na clínica sob a forma de um trauma sexual, o significante histórico remete ao real como trauma. A escrita de *Moisés* “se situa na articulação da história com a ficção” (CERTEAU, 1982, p. 301). Uma “ficção teórica”, o que significa, no mínimo, uma narrativa com função teórica, uma construção que passa a ter um papel decisivo na teorização da transmissão da teoria psicanalítica. A transmissão, longe de servir à comunicação direta, serve à compulsão e à repetição do trauma que deixou traço: o real do assassinato. Na origem, o mito do assassinato do pai fixa um real, diz Rabinovitch (1993), em as *Escrituras do assassinato*, onde sustenta a tese de que *Moisés e a religião monoteísta*, além de renovar de forma surpreendente a teoria psicanalítica do pai, responde essencialmente à pergunta que Freud colocou em *Totem e Tabu* sobre a transmissão (RABINOVITCH, 1993, p. 155).

De acordo com Walter Benjamin, origem nada tem a ver com a gênese a que esta supõe o encadeamento causal. A origem é, para este pensador, um salto, um salto em direção ao novo. Em Benjamin, “As idéias originadas na história são em si mesma intemporais, mas contém sob a forma de história virtual uma remissão à sua pré e pós-história”, comenta Rouanet (apud BENJAMIN, 1984, p. 19). Em Freud, encontramos esta mesma ruptura: pela via do inconsciente, faz coexistir o passado com o presente e, obedecendo ao poeta, “Aquilo que herdastes de teus pais... conquiste-o para fazê-lo seu”, escreve os três ensaios de *Moisés*, em forma de narração histórica, num movimento de transgressão criativo e transformador. Transmitir, isto é, dar um salto em direção ao

futuro: o texto não é, como querem alguns, a repetição de *Totem e tabu*. Como um enigma, contém vários níveis de entendimento nos quais a preocupação com a transmissão da psicanálise caminha *pari passu* com a questão que move a escrita do texto: “Diante das novas perseguições, pergunto-me como os judeus se tornaram o que são e porque atraíram para si este ódio inextinguível?” (FREUD, 1974, p. 99). Sim, compreender o ódio ao outro por pequenas disputas através do paradigma do judeu foi o motor da escrita de *Moisés*. Mas ao retomar o conceito de trauma estendendo-o às turbulências políticas do seu tempo, Freud terminou ordenando a teoria da transmissão da psicanálise às estruturas da teoria psicanalítica da transmissão.

O Texto bíblico, a obra literária que expressa o processo histórico entre o Deus da intolerável ausência e seu povo irá conformar a distância, o saber psicanalítico sobre a transmissão. No terreno da história, Freud ([1939] 1976) diz, no prefácio escrito em Londres, de *Moisés e o monoteísmo*, estar se sentido como uma “bailarina a equilibrar-se na ponta de um dedo. Confissão contundente: ela acompanha o tom traumático do enunciado de abertura da obra, onde declara sua intenção de separar e desapossar um povo do homem que celebra como o maior de seus filhos. As implicações deste gesto só serão compreendidas, se pudermos admitir que pelo ato de desconstrução do Texto bíblico, Freud enlaça o devir da psicanálise à experiência de estrangeiridade e de incompletude. Ao mesmo tempo, a partir do conceito de identificação, responde à ideologia nazista em seu empenho de atribuir ao outro uma identidade fixa e imutável. Em sua leitura-escritura do livro do Êxodo, Freud quer fazer valer um não dito, desvendar um recalco, dar voz ao excluído, em suma, impedir que uma verdade venha exercer o domínio sobre a outra. Com efeito, na sequência do texto, apesar da instabilidade do pé de apoio, numa pirueta determina o entrecruzamento de duas partes distintas da teoria: a metapsicologia – a teoria do recalco –, o que exige o recurso a uma escritura especial de esquemas e pequenas letras –, e o mito do assassinato do pai (BALMÉS, 1998, p. 27). Um entrecruzar que eleva o mito, “o nada que é tudo”, nas palavras do poeta Pessoa (1983, p. 27), à

dimensão de uma escrita que demanda leitura - o núcleo da transmissão teórica da psicanálise.

O papel que Freud deu à escrita e à leitura na transmissão da psicanálise foi amplamente resgatado e ampliado por Lacan. A escrita se insere sob a forma de letra na obra deste autor. Como poucos, ele soube esclarecer de maneira convincente em a *Instância da letra*² que o Inconsciente é uma escritura cujo texto disponível à leitura não se presta a ser encerrado em um único sentido pois, entre o que está escrito e o que se lê, haverá sempre uma defasagem. A arte de ler a escritura inconsciente exige do leitor retranscrever e reescrever a linguagem do Outro, o que não tem nome nem admite deciframento. Freud nos ensinou sobre este procedimento em *A interpretação dos Sonhos* quando, servindo-se amplamente das letras e da combinação entre elas, demonstrou que o *rebus*, a escrita de imagens, é um sistema ilimitado de letras combinatórias que deixa lugar nas sombras, “o umbigo do sonho, o lugar em que ele se assenta no não conhecido” (FREUD, [1990] 1976, p. 519). Trata-se de um fazer condicionado ao jogo da ausência do que não cessa de não se inscrever, o real, e que, paradoxalmente, está sempre à espera de ser escrito.

O que facilita utilizar este modelo como base da reflexão psicanalítica sobre processos de transmissão, incluindo o da transmissibilidade da psicanálise, é lançar mão do avanço teórico de Lacan, em seu ensino, que determinou a letra como conceito. Embora este conceito passe por diferentes versões em sua obra, considerarei aquele que permite estabelecer uma ligação privilegiada em relação à transmissão³: para além do significante, a letra é o que é transmissível, transmitindo aquilo de que é suporte num discurso. Na transmissão teórica da psicanálise a prática de leitura à letra é garantia do reinventar, na medida em que ela exige de cada sujeito colocar algo de si mesmo, numa dimensão que compromete seu desejo de saber. Diria que a verdadeira

² Ver Lacan ([1957] 1979)

³ As formalizações de Lacan, matemas, grafos, esquemas, nós e estruturas topológicas, as quais são consideradas em Lacan, escrita, não serão exploradas neste trabalho. Mas é preciso dizer que alguns foram introduzidos em seu ensino sob a forma de letra para, justamente, reduzir o efeito imaginário na transmissão.

transmissão, qualquer que seja o seu domínio, cria condições para que a letra, em seu esvaziamento de sentido, determine a emergência de um novo dizer.

A escrita de *Moisés e o monoteísmo* envolve a própria lógica do processo escritural da Escritura que Freud decifra no texto que lê: a desmaterialização de Deus, uma invenção de Moisés, o egípcio, é uma operação essencialmente textual. Freud extrai, da passagem bíblica que apresenta Deus no tempo futuro “Eu serei o que serei”, o terceiro tempo da escritura de seu mito, transformando, nos termos de Lacan, a narrativa extremamente imaginarizada de *Totem e tabu* em letra textual da própria escritura do inconsciente. A grafia, as letras que compõem o tetragrama impronunciável – YHVH –, leva consigo, como uma nuvem de matéria interdita, os atributos incomensuráveis que impuserem e impõem a Ausência ao espírito humano, que não se cansa de procurar se organizar no sentido das imagens e da presença figurada (FUKS, 2000, p. 99). Este Deus transparente como o ar do deserto em sua inquietante estranheza é a presença da angústia porque não pode exercer a função de semelhante no espelho: alteridade radical avessa a qualquer forma de representação. Um Deus pura letra. O recurso feito por Freud ao que se conhece, dentro da teologia judaica como o nome proibido de Deus está para além de qualquer especulação teológica ou do seu interesse pela história das religiões. O Tetragrama ocupa no texto o lugar de figura conceitual com a qual Freud, expondo seu irreduzível ateísmo, procura pensar, para dizê-lo, em termos de Lacan, aquilo se designa como essencialmente Outro; o vazio que incessantemente desperta angústia e convoca o sujeito a tecer com letras e palavras a fantasia que o recobre⁴. Não sem razão a esta obra prima e derradeira de Freud, Lacan ([1950-1960] 1997) deu uma resposta com o Seminário 7: *a ética da psicanálise*, que costumava considerar como o lugar privilegiado de seu ensino. Lendo as origens de Édipo a partir da narrativa freudiana sobre o monoteísmo, cria o termo Nome-do-Pai para designar o significante da função paterna – articular a Lei ao desejo e o pensamento ao corpo. Da metáfora paterna, Lacan ([1950-1960] 1997) extrai a ideia do Pai pura letra, aquele que se diz sempre Outro. E vale a

⁴ Ver Lacan ([1962-1963] 2005).

pena repetir, dizendo de outra maneira, que a letra, o que faz instância, insiste no inconsciente, repousa sobre o apagamento da imagem, razão pela qual ela é suporte do discurso e garantia do ateísmo da escritura da qual o leitor por princípio será sempre um “traidor”. Na transmissão da psicanálise, a atividade subversiva e renovadora da leitura à letra não se distingue, em sua essência, do trabalho do inconsciente.

Ao convocar as letras da Escritura à tarefa de reinscrever as letras da escritura psicanalítica, Freud se serve da história milenar da fundação do monoteísmo, e da própria escrita da psicanálise, não como algo morto que resta compreender, mas como o algo que retorna para “repetir um caminho que nunca foi trilhado”. Uma velha técnica de repetição diferencial cunhada pelo homem desde a origem da linguagem, o que paradoxalmente o define e lhe escapa. Nesse percurso, Freud é obrigado a traçar sua fuga de Viena e a adotar estratégias de garantia à transmissão da psicanálise para além de si mesmo. Ao leitor sem terra, um cidadão da escritura do país do Outro, recomenda fidelidade à escritura. Uma experiência vivida por muitos esclarece essa passagem. Refiro-me aqui ao fato de que o analista só chega a elaborar algumas das próprias questões que movem um determinado texto quando arrisca a ler a escritura freudiana no mesmo passo em que segue as associações livres do paciente – leitura da escritura psíquica. Este é o irremovível trabalho de transmissão da psicanálise. Se a escritura teórica da psicanálise dá um sentido direcionado à prática, os impasses clínicos, uma nova história pulsional e os movimentos da cultura com seus efeitos positivos e negativos obrigam, necessariamente, à reescritura da teoria, por cada analista. Trata-se de uma política que mantém a descoberta freudiana como um pensamento do impossível, do virtual não atualizado, cujo acesso é da ordem de um inapreensível que não se renuncia. Uma política que reassegura o direito de existência às breves narrativas diárias que constituem a psicanálise e que garantem a sua relação com a literatura, o espaço privilegiado de expressão do inapreensível; lugar em que poetas e escritores mostram sempre saber melhor “de uma multidão de coisas entre o céu e a terra, cuja existência nossa sabedoria acadêmica nem alcança sonhar” (FREUD, 1906, p. 8).

REFERÊNCIAS

- BALMÉS, F. **Le nom, la loi, la voix**. Paris: Eres, 1998.
- BENJAMÍN, W. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasileira, 1984.
- CERTEAU, M. **Historia y Psicoanálisis**. Buenos Aires: U. Ibeoaamericana, 1955.
- CERTEAU, M. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- DERRIDA, J. Freud e a cena da escritura. In: _____. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 179-226. Edição original: 1967.
- FREUD, S. Sobre la psicoterapia da histeria. In: _____. **Obras Completas**, v. II. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. p. 3-310. Edição original: 1893-1895.
- FREUD, S. El delirio y Suenos de “Gradiva” de W. Jensen. In: _____. **Obras Completas**, v. IX. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. p. 1-77. Edição original: 1907.
- FREUD, S. Totem y tabu: Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos. In: _____. **Obras Completas**, v. XIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. P. 11-163. Edição original: 1913
- FREUD, S. Dos verbetes de Enciclopédia. In: _____. **Obras Completas**, v. XIV. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. Edição original: 1923.
- FREUD, S. Inhibición, síntoma y angustia. In: _____. **Obras Completas**, v. XX. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. p. 73-82. Edição original: 1926 [1925].
- FREUD, S. Moisés y la religión monoteísta: tres ensayos. In: _____. **Obras Completas**, v. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. p. 7-132. Edição original: 1939.
- FREUD, S; ZWEIG, A. **Correspondencia Freud-Zweig**. Buenos Aires: Garancia, 1974.

FUKS, B. B. **Freud e a judeidade: vocação do exílio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GOES, C. O decifrador de almas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1999.

GANGNEBIN, J-M. **História e narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-533. Edição original: 1957.

LACAN, J. **Seminário 7: a ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Edição original: 1959-1960.

LACAN, J. **Seminário 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Edição original: 1962-1963.

LACAN, J. Clôture du congrès sur la transmission. **Lettres de l'EFP**, Paris, v. 2, n. 25, p. 219-220, 1979.

LYOTARD, J-F. **Heidegger e os “judeus”**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

PESSOA, F. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1983.

RABINOVITCH, S. **Écriture du meurtre**. Paris: Eres. 1988.

ROUDINESCO, E. **A história da psicanálise na França**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BACHELARD, G. **Fragmientos de uma poética del fuego**. Cuenos Aires: Paidós, 1992.

KUPFEBERG, M. **Filhos da Guerra, um estudo psicanalítico sobre o trauma e a transmissão.** Tese (Doutorado em Psicanálise) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MILLER, J-A. **Silet, os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

NETTO MACHADO, A. M. **Presença e implicações da noção de escrita na obra de Lacan.** Rio Grande do Sul: edições UNIJUI. 2000.
SANTNER, E. **A Alemanha de Schreber.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

*Recebido em abril de 2013.
Aprovado em maio de 2013.*

SOBRE A AUTORA

BETTY BERNARDO FUKS é psicanalista. Doutora em Comunicação e Cultura. Professora do Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (UVA). Editora da revista on-line *Trivium: estudos interdisciplinares*. Pesquisadora do CNPq. Pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia Fundamental. Autora de *Freud e a Judeidade, A vocação do exílio* (Zahar, 2008); *Freud e a Cultura* (Zahar, 2a Edição, 2007) e *Freud and the invention of Jewishness* (Agentour, 2008).
Endereço eletrônico: betty.fuks@gmail.com